

# A ecologia dos nossos sentidos

## A pele e o sentido do tato

Leandro Carvalho Silva

Bacharel-licenciado em Filosofia pela PUC-Minas e especialista em Educação Ambiental, Agenda 21 e Sustentabilidade pelo Centro de Ecologia Integral em parceria com a Faculdade Metropolitana de Belo Horizonte

O que de fato significa para nós, seres humanos, o termo *mudança climática*? Para qualquer coisa que habita o planeta, e para ele próprio, qualquer alteração no clima é um aviso claro: “*Está na hora de adaptar-se às novas condições. Se não fizer isso, você deixará de existir*”. Isso vale para tudo, desde as rochas e cristais, até os seres humanos, passando pelos vírus e as plantas. Para a geologia, por exemplo, a dureza ou maleabilidade de uma rocha, ou a composição de um solo, são coisas que dependem da temperatura média do planeta no momento em que este elemento se forma. Para os seres vivos, este aviso é ainda mais evidente: a evolução das espécies, e mesmo a evolução da vida, não ignoram a interferência, positiva ou negativa, da temperatura ambiente. Por esta razão é que a escolha de revestimentos corpóreos adequados para cada situação está incluída nos mecanismos de aperfeiçoamento da vida. Nossos corpos se auto-regulam de acordo com o lugar onde estão, com o clima, com a abundância de víveres, e nos avisam sobre isso fazendo-nos sentir frio, calor, fome ou sede na medida certa.

A pele, que na mitologia grega clássica carrega um componente de invulnerabilidade, de energia (*enérgeia*, força motora relacional), carrega um paradoxo: ao mesmo tempo que precisa ser uma linha divisória, uma fronteira entre o mundo interior e o mundo exterior, ela nos lembra justamente da *continuidade* implícita entre estes dois mundos. Originários deste *lócus*, trocamos energias a todo momento com a Terra; e no entanto, pelo reino da Cultura, somos estruturalmente distintos dela.

A pele é o órgão pelo qual mais nitidamente nos chegamos às sensações de temperatura. Quando, pois, queremos conversar sobre alterações climáticas, o que seria mais natural do que nos lembrarmos dela? Trata-se do nosso ponto de referência quando queremos nos referir às alterações mais imediatas que acontecem no nosso ambiente. É ela quem primeiro sente e nos comunica os seus efeitos.



Foto: Irina Reis

É através da pele que registramos os efeitos da nossa relação com o ambiente que nos cerca

No livro *A doença como caminho: uma nova visão de cura* (Editora Cultrix), os autores Thorwald Dethlefsen e Rüdiger Dahlke, afirmam que a pele é uma grande superfície de projeção, onde acabamos por imprimir, às vezes de modo definitivo, as nossas disposições interiores mais insuspeitadas. Podemos corar quando mentimos, ou ficar pálidos de medo. Uma disfunção alimentar ou hormonal pode se mostrar através de espinhas, acnes, cravos, pele ressequida ou oleosa. Às vezes, de tanto usarmos a máscara de “severos” ou “estressados”, acabamos admitindo rugas que jamais vão deixar nossas testas.

Da mesma maneira como projetamos na nossa pele o nosso interior, é também através dela que recebemos e registramos os efeitos da nossa relação com o ambiente que nos cerca.

Existem ações de combate ao aumento do efeito estufa. Certo número são apenas reacionárias, outras mirabolantes, a maioria são eficientes, e entre estas algumas são simplesmente notáveis. Mas por mais eficientes que sejam, se não forem direcionadas para a transformação do nosso *modo de agir e pensar*, terão pouco efeito prático. Mecanismos de compra de carbono, por exemplo, podem ser vistos de duas formas: negativamente, como carta branca para a continuidade histórica da degradação praticada pelas nações desenvolvidas; positivamente como um ultimato de apelo